

A Coluna do Kina

DEVANEIOS A RESPEITO DA ESTÉTICA

Musings on esthetics

Sidney Kina

Atualmente, a beleza e o belo, como todos sabem, são desejos sociais, sinônimos de poder e sucesso. Assim, tratamentos estéticos avolumam-se tanto quanto este *status quo* se valoriza. Narcisos*, conscientes ou não, nos acuam com exigências e expectativas cada vez maiores. Do outro lado, nós, profissionais, somos obrigados a nos alinhar, compromissados e comprometidos (ou o correto seria oprimidos?) com essa poderosa realidade, num contexto difícil de avaliar, com trabalhos cujos resultados ficam entre o limbo e o paraíso, sobre uma linha tênue, quase imperceptível, que não é mais entre o feio e o bonito, mas entre o medíocre e o magnífico. Nessa circunstância, o veredito, que é de caráter sentimental, torna qualquer resposta imprevisível.

Desta sorte, ordenados por essa subjetividade, temos a árdua tarefa de absorver essa realidade em nosso trabalho cotidiano. Entretanto, numa discussão social, muito se fala da frivolidade e da vaidade encarnada na estética, e que, em certo grau, deturpa os objetivos mais nobres da odontologia restauradora, a saber: saúde e função. Em minha opinião, essa é uma

discussão vã. Como traço característico de nossa sociedade e de nossa época, a incorporação da função estética na odontologia é ponto pacífico. Em primeira ordem, essa função estética tem como objetivo trabalhar com a autoestima, fortalecendo a autoimagem pessoal, sendo, para muitos, sua única e honrosa justificativa, negando do outro lado a vaidade, que paira como uma sombra por trás desses tratamentos.

Agora, embora existam diferenças entre autoestima e vaidade, na prática, é muito difícil diferenciá-las. Em psicologia, a autoestima é determinada pela avaliação subjetiva que uma pessoa faz de si mesma, como sendo intrinsecamente positiva ou negativa em algum grau. A autoestima envolve tanto crenças autossignificantes, como, por exemplo, “eu sou benquisto/malquisto”, e emoções autossignificantes associadas, como “orgulho/vergonha”. Em acréscimo, a autoestima pode ser construída como característica permanente da personalidade, conhecida como “traço de autoestima” ou “traço da personalidade”, ou como uma condição psicológica temporária, conhecida como “estado de autoestima” ou, popularmente, “estado de espírito”.



Eco e Narciso, 1903
John William Waterhouse (Inglaterra, 1849-1917)
Óleo sobre tela, 109 x 189cm
Walker Art Gallery, Liverpool

Já vaidade (qualidade do que é vão ou ilusório), também chamada de orgulho ou soberba, é o desejo de atrair a admiração das outras pessoas. Uma pessoa vaidosa cria uma imagem pessoal para transmitir aos outros, com o objetivo de ser admirada.

Assim, o que pelos olhos de alguns é asseio, fantasia, amor ao belo ou elevação da autoestima, pelos olhos de outros pode ser (ou parecer) vaidade. Então, qual é a diferença para nós, profissionais, se o desejo de beleza da pessoa é para si (autoestima) ou para outros como determinante de poder (vaidade)? Acho que nenhum. Que valores morais se poderiam inculcar para censurar um em detrimento do outro? Tanto faz. A pretensa distinção entre eles é intrinsecamente confusa, e não creio que tenha qualquer utilidade na decisão de aceitar, planejar e realizar o tratamento estético. Então, se tomarmos como fato que tanto faz o motivo, seja por pura vaidade ou para melhorar a autoestima, e se absorvermos que a estética é fato no dia a dia, nosso desafio é outro: diagnosticar a pretensão estética e dar-lhe medida.

Na grande corrida pelo belo, na supervalorização da imagem, é cada vez mais frequente o desejo pela beleza áurea, a beleza perfeita, em proporções e simetria, com uma imagem projetada muitas vezes díspar da realidade e das condições técnicas e anatômicas ao caso. Saber avaliar, discutir, entender e, especialmente, repassar com clareza (a pacientes fragilizados pela baixa autoestima ou, ao contrário, com altíssima autoestima, vaidade?) as possíveis respostas à expectativa projetada é,

e será sempre, o grande desafio. Afinal, como escrito pelo poeta inglês John Keats: *Não tenho certeza de nada, a não ser da santidade dos afetos do coração e da verdade da imaginação – o que a imaginação capta como beleza deve ser verdade – tenha ou não existido antes.*

No mais, lembrando, todo tratamento odontológico restaurador tem por objetivo os três pilares: saúde, função e estética. Não é possível trabalhar um em detrimento do outro, pois o sucesso só ocorre no equilíbrio dos três.

* Na mitologia greco-romana, Narciso, ou o “autoadmirador”, era filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope, e sua beleza era tão extrema, que ele próprio pensava que era semelhante a um deus, comparando-se a Dionísio e Apolo. Dentre as várias versões de seu mito, a mais romântica (e talvez menos conhecida) conta que Narciso tinha uma irmã gêmea. Ambos se vestiam da mesma forma e, de forma semelhante, faziam tudo juntos. Narciso apaixonou-se por ela e, quando tragicamente ela morreu, Narciso consumiu-se de desgosto. Um dia, fingiu que o reflexo que via na água era sua irmã, e desde então se apaixonou loucamente por sua própria imagem. O mito de Narciso, logicamente, possui inúmeras interpretações, mas, tratando-se de um mito simples – porém, não simplista –, sua essência passou despercebida entre gerações, no entanto, Narciso – e o termo “narcisismo” – tornou-se símbolo de frivolidade e apego às aparências.



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br